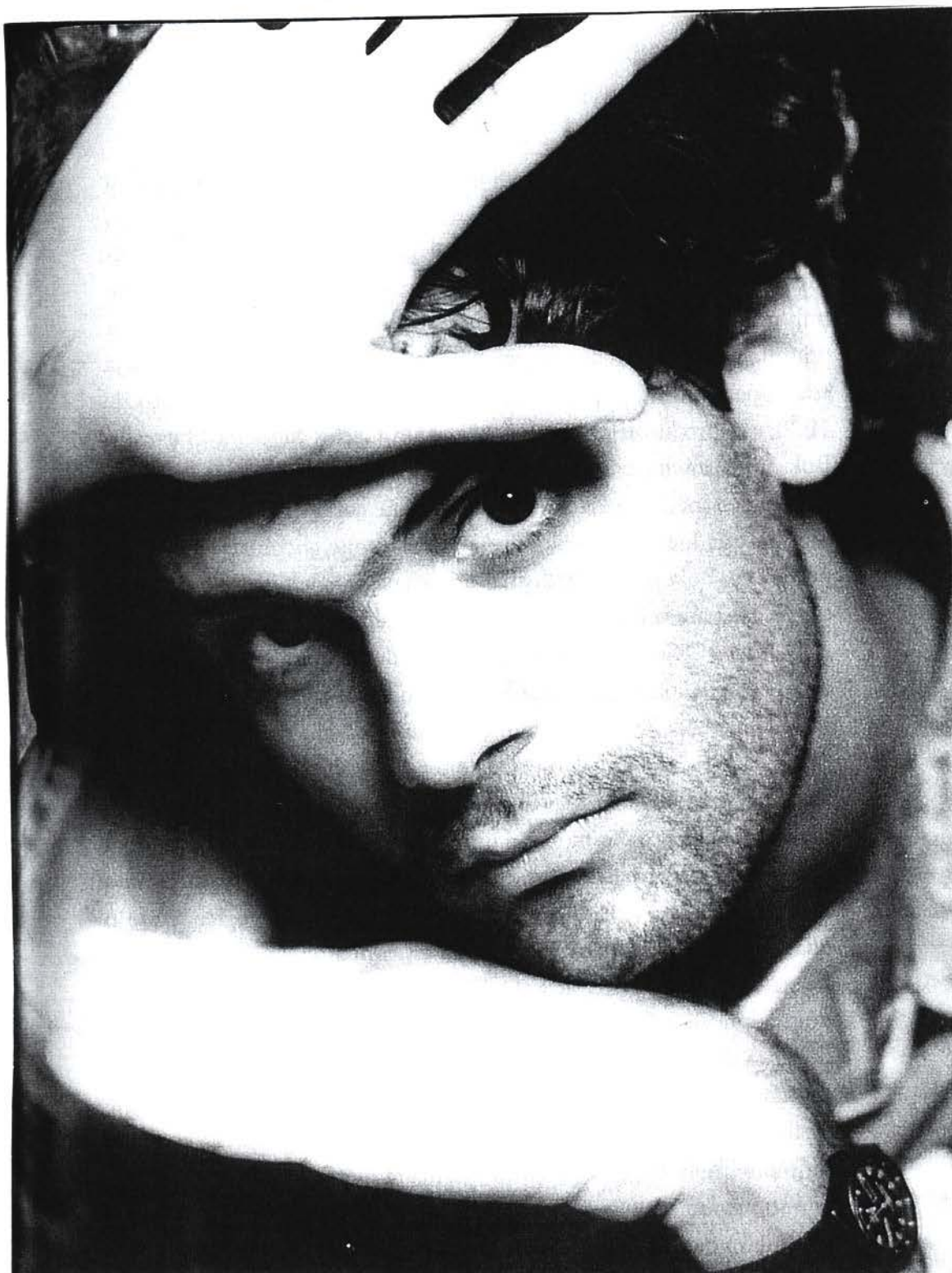


AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA - CDHS
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Mineirão)
AV. UNIVERSITÁRIA S/N.*
38400-902 - UBERLÂNDIA - M.G. — BRASIL

1486

S.9
(e)

SIMONE LUIZA DOS SANTOS

Cazuza: símbolos de uma época retratados em uma vida artística

Monografia apresentada como
requisito parcial para graduação
em História, sob orientação da
professora Dr^a Karla Bessa, do
Instituto de História / UFU.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

Abril / 2002

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA - CDHS
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Mineirão)
AV. UNIVERSITÁRIA S/N.
38400-902 - UBERLÂNDIA - M.G. — BRASIL

*Cazuza: Símbolos de uma Época Retratarados
em uma Vida Artística*

*Simone Luiza dos Santos
Universidade Federal de Uberlândia
Abril/2002*

BANCA EXAMINADORA



Profª Karla Adriana Martins Bessa



Profª Maria de Fátima Ramos de Almeida



Profª Christina da Silva Roquete Lopreato

Agradecimentos

A Deus

"Quem me deu o dom da vida, me concedeu a sabedoria e a coragem de nunca desistir dos meus objetivos, cabe o Vosso amor e Vossa glória, á mim só cabe agradecer".

Aos meus Pais

De vocês só tenho a agradecer pela vida que me proporcionaste. Que aceitaram os meus defeitos e fraquezas e me presentearam com o maior dos presentes: o Estudo.

Hoje, busco entre palavras uma simples maneira de dizer: Obrigada.

Aos professores.

Minha eterna gratidão a todos os professores pela dedicação e paciência. Em especial à Karla, pela compreensão e apoio em minhas dificuldades.

Sumário

Introdução.....	01
Capítulo 1 – Vida desenfreada.....	08
1.1- Caminho incerto.....	09
1.2- O rock nas veias.....	14
1.3- O público.....	20
Capítulo 2 – O irremediável.....	23
2.1- Vida louca, vida breve.....	24
2.2- O outro lado da imprensa.....	37
Considerações finais.....	41
Referências Bibliográficas.....	44
Anexos.....	46

Introdução

“Quem escreve sobre rock quase sempre é alguém que não sabe escrever, escrevendo sobre quem não sabe tocar, para muita gente que não sabe ler”. (Frank Zappa)

Os anos 60 trouxeram mudanças no indivíduo e na sociedade, pois a juventude que até então vivia reprimida dentro de rígidos padrões morais da sociedade dominante encontrou no rock um meio de romper posturas e tabus.

Música originária do Jazz e do Blues, o rock foi adquirindo adeptos por toda parte e também o preconceito por parte da sociedade, pois, o rock oportuniza os jovens, há uma certa liberdade de expressão e comportamento que, muitas vezes a sociedade não aceita.

O novo ritmo trouxe sensações diferentes, corpos que se moviam sem censura, estimulando assim a liberdade sexual. A juventude se aliou ao rock e às drogas, pois, ambos incidiam sobre o plano do corpo e da mente. Diante das diversas experiências, a juventude foi mudando sua concepção sobre o seu tempo, uma delas; “o permitido e o proibido”.

Os jovens tinham o objetivo de romper limites e quebrar padrões impostos pela sociedade. Através do rock e das drogas a juventude do pós-guerra procurou expor suas insatisfações, passando a ser mais críticos e enfrentar os problemas do seu tempo. Drogas, sexo e rock, sensações que a juventude dos anos 60 experimentou com euforia, ligadas a uma ideologia de luta contra tudo o que repreendesse seus desejos e anseios.

Cantores e compositores fizeram de uma música hinos de protesto contra injustiças, guerras, desigualdades e repressão. Os jovens fizeram da música, das roupas, dos cabelos, uma forma de protesto contra insatisfações e contra uma sociedade que privilegiava a ética do trabalho, a censura ao prazer, o uso de armas e conivente a opressão humana.

Através das diversas experiências de cada momento vivido, conheceram as mais variadas sensações; uma parte de sonho, de utopia e de criatividade.

De acordo com Carlos Alberto M. Pereira (1983-22-23) *“A juventude engajada na contracultura dos anos 60, buscava através deste conjunto de idéias e comportamento, cair fora do sistema. Descrente do futuro e desencantada com o presente”*.

“O sonho acabou”, pode ter sido a constatação de que a independência com a qual até então o rock sobrevivia tinha terminado, ou seja, o fim do grande movimento político e musical da juventude em todo o mundo. Marcando o ano de 1968 como o divisor de águas na transformação da música em elementos de consumo, deixando seu conteúdo ideológico a segundo plano. Todas as formas de protestos foram engolidos pela indústria cultural e transformados em peças de consumo.

Morreram os ídolos revolucionários da música como Jimi Hendrix, Janis Joplin e Jim Morrison, no entanto todas transformações no meio musical, independente da apropriação do mercado cultural, contribuíram para anunciar o início de um novo tempo para a música popular. Seguramente surgia um tempo com outro brilho, com outras cores e com outras músicas e uma nova linguagem, onde as dúvidas não se limitariam a interesses de toda a civilização. Portanto essas dúvidas seriam dirigidas a problemas mais específicos e particularizados em interesses imediatos por parte daqueles que ainda iriam erguer novas bandeiras.

O meio musical sofreu diversas modificações e com isso, o surgimento de novos estilos. Essa nova geração musical mesmo não tendo os mesmos ideais das décadas anteriores contribuíram para que o rock seguisse seu rumo.

O gênero rock continuou a buscar novos estilos. Um para cada tipo de manifestação.

Muggiati (1985-95) – *“Mas o rock sempre teve a incrível capacidade de se superar, de criar novos estilos a partir daí fusão de estilos e, nesse processo gerar, de repente uma nova linguagem”*.

O rock se superou ao longo de sua história. É fascinante saber que esse ritmo foi se modificando e adquirindo características de cada época. O rock da década de 60 foi marcado por anos de utopia, na arte de Elvis Presley, Beatles, Rolling Stones, Jimi Hendrix, Jim Morrison, Janis Joplin, posteriormente fragmentados numa quantidade de novos estilos. O universo da música se assimilou e expandiu em todas frentes trazendo novos ritmos como funk, um estilo nascido da música soul dos anos 60 e da discoteca dos anos 70, representado por James Brown e Sly Stone.

Necessariamente foi a partir de fusão de estilos musicais que surgiram novos grupos cada um com sua linguagem. Pelos finais dos anos 70 o rock progressivo também deu seus sinais, através de grupos como Pink Floyd, Gênesis, Mood Blues, Tangerine Dream e Yes. O rock pesado ocupou alguns espaços no final da década de 70, nas vozes de Iron Butterfly, Deep Purple, Black-Sabbath e Led Zeppelin. Terminado o tempo do sonho, de lutas ideológicas através do rock, a década de 80 traz um momento novo, um tempo de reflexão sobre o que havia acontecido.

No Brasil, despontaram os conjuntos que fariam as estrelas da música local nos anos 80, Terço, Bolha, Módulo 1000, Mótuo perpétuo (de Guilherme Arantes), som imaginário e um que de uma só vez, reunia Ritchie, Lobão, Lulu Santos, O vimana, tornar-se iam os grandes dessa época. No Brasil o rock não foi tão expressivo como nas décadas anteriores; não podemos deixar de mencionar a importância de grandes espetáculos como, Rock Rio I e II, onde bandas brasileiras e estrangeiras marcaram um tempo seja pelas letras, som ou imagem. Enfim com relação ao rock ao mesmo tempo que parece algo descartável diante das mudanças de estilos, alimentam-se a crença de sua própria imortalidade.

Inúmeras foram quantidades de vozes que surgiram no meio musical, no entanto esta pesquisa refere-se sobretudo à linhagem denominada pelos críticos de pop rock, que destacou

na década de 80, bandas como Legião Urbana, Capital Inicial, Titãs, RPM, Paralamas do Sucesso, Barão Vermelho e outras mais que tiveram menor destaque.

A pesquisa tem como proposta, uma análise da música de Cazuza, tal como ela aconteceu dentro de seu tempo histórico, levando em consideração um esboço de história do rock, ou seja, isso compreende o contexto do rock no Brasil de 1982 a 1990, ano da morte de Cazuza.

A análise está mais centrada nos álbuns “Ideologia” – 1988 e “Burguesia” – 1989, porém seria impossível discutir a obra de Cazuza, sem se referenciar nos álbuns anteriores. Inclusive sua passagem pela Banda Barão Vermelho, pois, “Frejat” – atual vocalista da banda, continuou na parceria em suas composições.

A preocupação da pesquisa é discutir os temas abordados em suas canções, levando em consideração a significativa mudança de temas após a aids. A partir daí refletir sobre quais as possibilidades na vida artística de uma pessoa nos leva a pensar sobre cultura, sentimentos e símbolos de uma época. Levando em consideração que os anos 80 foram marcados por várias modificações no meio político, como o fim do governo militar, ou seja, “o retorno à democracia” o fim da censura e as eleições “diretas já”. Há uma preocupação em relação ao “conformismo”, alienação e individualismo, por parte da juventude diferentemente da juventude rebelde e engajada dos anos 60 e 70.

Nesse momento os jovens não se preocupam com lutas sociais, com ideologias, são muito individualistas, quando se unem é por drogas. É nesse instante que a obra de Cazuza tem uma representatividade dentro desse tempo, pois, através de suas canções levanta a suspeita sobre um “conformismo”, chama a juventude para acordar para luta contra a sociedade que discrimina, que dita regras. Usa a rebeldia como forma de protesto e a música como meio de demonstrar as insatisfações diante do momento vivido.

Quando o cantor assume a Aids e o homossexualismo em público, estaria também quebrando tabus, pois, na década de 80 esses temas ainda eram pouco discutidos e aceitados. Restando apenas o preconceito por parte da sociedade e a exploração da mídia. Talvez atitudes como a de Cazuza tenham contribuído para certas mudanças no comportamento da sociedade em relação ao homossexualismo.

Levando em consideração que a mídia é formadora de opiniões nota-se que na década de 90, tanto a Aids como o homossexualismo ganha um espaço maior de divulgação, através da indústria cinematográfica e editorial. No entanto não podemos considerar que a exploração da mídia trouxe a aceitação ao homossexualismo e nem o fim da discriminação e preconceito. Ao contrário, a mídia deveria proporcionar a compreensão da homossexualidade como uma variante da sexualidade “normal”.

Diante disso percebem que não só a obra de Cazuza como suas atitudes, contribuíram para formação da juventude de seu tempo, pois, até mesmo a mudança de comportamento após a Aids, contribuiu nesse momento. Através de depoimentos de um aidético podemos imaginar as agonias, angústias, desespero e medo diante da morte iminente e perceber o imaginário a cerca da Aids como sentença de morte.

Diante dessas discussões, a pesquisa dialoga com questões sobre a maneira de ver a “vida” e a “morte”, em diferentes momentos de sua carreira. Diante disso, percebe-se os problemas apresentados em suas letras, que diz algo da juventude de seu tempo, ou simplesmente traços dos problemas de sua própria vivência.

A pesquisa se divide em dois momentos da carreira do cantor. O primeiro capítulo trata-se da apresentação de Cazuza ao mundo artístico como cantor e compositor e sua passagem pela Banda Barão Vermelho, principalmente sua rebeldia diante de limites, regras e tabus impostos pela sociedade. Fazendo da música, sexo, drogas, as ferramentas para escancarar em suas letras suas insatisfações dentro do momento vivido.

O segundo capítulo diz respeito à fase mais madura da vida do cantor, momento onde a doença se avançava e a concepção de vida já não era a mesma. Considerando que o cantor possa ser pioneiro, pelo menos no Brasil, na aceitação da doença. Não deixando de mencionar a grande repercussão na imprensa em torno da carreira, da vida e da doença do cantor. Em ambos capítulos as questões levantadas sobre o cantor serão apresentados a partir da análise de suas canções.

Capítulo 1
Vida Desenfreada



1.1- *Caminho Incerto*

"A droga foi a melhor coisa que aconteceu em minha vida, abriu minha cabeça". (Cazuza)

Uma adolescência seguida de atos rebeldes e agressivos anunciavam o caminho da futura carreira de cantor e compositor.

Personalidade controvertida e desafiadora se delineou no adolescente Cazuza. A paixão pela vida, pela música juntamente com a revolta contra os padrões estipulados pela sociedade, fez de Cazuza um jovem rebelde, falastrão, boêmio e romântico. Posteriormente a fusão de todos esses sentimentos seriam expressados em suas canções.

O jovem conheceu nas noites a paixão pela música juntamente com o mundo dos vícios. Uma vida devassa que serviu de cenário para tantas questões abordadas em suas canções.

"Ser marginal foi uma decisão poética, mas foi o único caminho que tive".

Viveu a adolescência sobre inquietudes e insatisfações, buscando sempre viver intensamente sem limites, rompendo regras e tabus. Fez da própria vida um mundo de liberdade sem preconceitos, mostrando seus desejos diante das drogas e de uma vida sexual sem preconceitos.

Talvez o tema liberdade tenha sido o mais questionado em sua vida e carreira, pois, num determinado momento a liberdade se caracteriza com tema central de suas canções, em relação a juventude de seu tempo. Há uma grande preocupação em torno de “rotina”, que chega a ser considerada uma verdadeira prisão, a qual a sociedade não consegue se livrar. A proposta dessa juventude, portanto, é conquistar essa liberdade a qualquer custo, derrubando todas as barreiras que venham impedi-los de viver, como: família, padrões, conceitos e a sociedade.

No decorrer da carreira adquiriu as mais variadas características entre elas: de louco, bêbado, drogado, homossexual, as quais ele nunca negou.

“¹ Minha tribo é a dos doidões faço, gosto e não nego: prefiro ser assim do que parecer com outros artistas, que têm esses mesmos hábitos; mas escondem o jogo para não perder o público”.

Diante de todos seus impulsos e atos rebeldes, acabou representando bem essa juventude, que buscava liberdade, novas sensações. Foram-se criando grupos com uma nova concepção de vida.

Os jovens foram se identificando uns com os outros, quando encontravam os mesmos desejos e anseios diante do momento vivido. Portanto criou-se um novo objetivo, um novo caminho, na maioria das vezes incerto, sem limites no entanto respondia aos seus propósitos.

Nesse momento da adolescência, passou a encarar os maiores desafios, criticava a caretece, se rebelava sempre contra os padrões que o reprimia. Talvez seja o período que atingiu o auge de sua loucura barra pesada. Já se percebia seu talento diante de suas declarações e opiniões.

“² O que mais odeio é gente complicada e preconceituosa, hipocrisia a ser acordada. Nenhuma outra coisa consegue ser pior do que isso”.

¹ Cazusa: *Só as mães são felizes*.

² Cazusa: *Só as mães são felizes* – pg. 392.

A adolescência para Cazuza indicou o caminho de tudo que seria sua carreira, pois, suas idéias e opiniões estão bem retratadas em suas canções. Mudaram-se alguns conceitos, no entanto, o fato de expor temas bem direcionados a cada momento, sempre se manteve.

As canções que se seguem caracterizam a juventude de seu tempo, pois expressam problemas do cotidiano, entre eles algumas atitudes e sentimentos como: insegurança, decepções, inquietações, angústia, etc.

No mesmo instante que as canções expressam uma série de sentimentos que levam ao tédio, é uma forma de acordar os jovens para a vida, com um olhar otimista onde é necessário quebrar regras, lutar contra os preconceitos, mas também acreditar numa vida com perspectivas melhores. “Pro dia nascer feliz”.

Por aí
Frejat/Cazuza

Gravação:
Barão Vermelho – “Barão Vermelho” – 1982: # 08

Se você me encontrar assim
Meio distante
Torcendo cacho
Roendo a mão
É que eu tô pensando
Num lugar melhor
Ou eu tô amando
E por isso é bem pior, é

Se você me encontrar
Rodando pela casa
Fumando filtro
Roendo a mão
É que eu tô sonhando
Eu tenho um plano
Que eu não sei achar
Ou eu tô ligado
E o papel, e o papel
E o papel pra acabar
Se você me encontrar
Num bar, desatinado
Falando alto coisas cruéis

E que eu tô querendo Um cantinho ali
 Ou então descolando
 Alguém pra ir dormir

Mas se eu tiver nos olhos
 Uma luz bonita
 Fica comigo
 E me faz feliz
 É que eu tô sozinho
 Há tanto tempo
 Que eu me esqueci
 O que é verdade
 E o que é mentira em volta de mim.

A canção “por aí” representa parte dos jovens da década de 80. Mostra uma juventude sem objetivos, ou melhor dizendo, perdida em questão de ideologia e descrentes de uma forma em geral. No entanto, expressa sonhos e expectativas de uma vida melhor. Jovens desatinados em busca de drogas e sexo, atormentados pelo medo da solidão, ou seja, a canção representa o momento de uma juventude individualista, mas que sofre por isto.

Pro dia nascer feliz
 Frejat/Cazuza

Gravação:
 Barão Vermelho – “Barão Vermelho 2” 1983: # 08
 Ney Matogrosso – 1983
 Raça Negra – 1995

Todo dia a insônia
 Me convence que o céu
 Faz tudo ficar infinito
 E que a solidão
 É pretensão de quem fica
 Escondido, fazendo fita

Todo dia tem a hora da sessão coruja
 Só entende quem namora
 Agora vam'bora
 Estamos, meu bem, por um triz
 Pro dia nascer feliz
 Pro dia nascer feliz
 O mundo acordar
 E a gente dormir

Pro dia nascer feliz
Essa é a vida que eu quis
O mundo inteiro acordar
E a gente dormir
Todo dia é dia
E tudo em nome do amor
Essa é a vida que eu quis
Procurando vaga
Uma hora aqui, outra ali
No vai-e-vem dos teus quadris

Nadando contra a corrente
Só pra exercitar
Todo o músculo que sente
Me dê de presente o teu bis
Pro dia nascer feliz
Pro dia nascer feliz.

A canção “Pro dia nascer Feliz” representa um outro momento da juventude, onde acredita que a solidão é opção de cada um e que as pessoas só serão felizes quando todo mundo acordar para a realidade de um modo geral, pois, é a minoria que vive acordada e ciente dos problemas sociais e culturais de determinada época.

1.2- O Rock nas Veias



“O rock é a idéia da eterna juventude. Quando descobri o rock, descobri também que podia desbundar. O rock foi a maneira de eu me impor às pessoas sem ser guache – porque de repente virou moda ser louco. E o rock para mim não é só musica, é atitude mesmo, é o novo! Quer coisa mais nova que o rock? O rock fervilha, é uma coisa que nunca pode parar. O rock não é uma lagoa, é um rio.”
(Cazuza)

A imprensa já anunciava a chegada do garoto debochado ao mundo da música, como vocalista da Banda Barão Vermelho.

“Cazuza tinha pouco mais de 20 anos quando resolveu tomar sua versão apaixonada da vida. Anos 80, meu bem. Dali para frente ninguém mais seria o mesmo. Não só porque Cazuza queria, mas muito por sua causa: Com ou sem Barão, sua força estava na cara... Das palavras”. (Contigo)

Desde o início da carreira, no grupo Barão Vermelho Cazuza já mostrava em suas composições a linguagem de suas músicas e suas direções.

Passou a demonstrar para toda a juventude de seu tempo, sua versão apaixonada da vida e a busca da liberdade. Fez dessas atitudes uma eterna briga contra a caretice, ou seja, a não aceitação a maneiras e conceitos impostos pela sociedade, como se fossem as idéias válidas para todos.

Não só na vida mas no mundo artístico continuou reafirmando sua condição de rebelde, fazendo do canto, mais que um mero desabafo, a própria condição de viver.

A concepção de vida de juventude é bem traduzida em suas canções. Diversos temas são abordados em toda sua carreira, no entanto, há uma preocupação entre os que retratam

uma juventude descrente sem objetivos ideológicos. Isso caracteriza uma geração vivendo sob exageros, sem perspectivas onde o objetivo é viver tudo sem restrições.

As canções se diferem de outras bandas que se destacaram na década de 80, com exceção de uma minoria que segue a mesma linhagem de temas como: Legião Urbana e Engenheiros do Hawai. No geral as bandas de pop rock na década de 80, no Brasil, não se interessa por temas específicos.

Talvez muitas delas tenham registrado seu sucesso por imagens, efeitos, ritmos dançantes, tudo isso que também atrai o público.

Portanto o que difere a Banda Barão Vermelho desse momento, é que não deixam de tirar proveito dessas características, no entanto, tem um outro lado, onde trata-se de canções românticas, dançantes, mas deixa de lado o excesso de sentimentalismo.

A Banda Barão Vermelho abriu as portas para o grupo: Guto Goff, Dé, Maurício, Frejat e Cazuza trouxeram uma nova linguagem de juventude, na década de 80, ou seja, canções que atendiam aos interesses dos jovens com temas do cotidiano.

O ano de 1982 representou a chegada do grupo Barão Vermelho ao mundo o rock brasileiro. Não só imprensa registrou essa chegada, como outros artistas que acompanharam o lançamento da banda deixaram seus depoimentos em relação ao grupo, em especial a figura de Cazuza. Caetano Veloso passou a ser um frequentador assíduo dos shows do Barão: Era um entusiasta do grupo. Ele conta:

“¹ A música *Todo Amor que Houver Nessa Vida* é uma obra prima. Cazuza era um romântico autêntico. Isso foi o que deu à poesia dele um poder de comoção muito grande, porque ele era cem por cento autêntico e isso a gente sentia. Ele entrou na música popular brasileira com uma marca enormemente original e seu trabalho com o Barão, e posteriormente

¹ Cazuza: Só as mães são felizes – pg. 165

Todo Amor que Houver Nessa Vida – canção gravada por Caetano Veloso – 1983.

sozinho, representa uma coisa grande, com um papel importante no desenvolvimento da história da música brasileira...”

No decorrer da carreira artística, a música foi sofrendo modificações, ou seja, passaram a abordar temas mais específicos com o momento vivido. A música perde um pouco a característica da eterna crítica à carência e parte a direcionar problemas sociais como: drogas, prostituição, homossexualismo, os quais recebem o grande preconceito por parte da sociedade. É necessário frisar que o quinteto carioca foi convidado a compor e gravar a música do filme de Lael Rodrigues, “Bete Balanço”. Acontece que a música de Cazuza e Frejat chegou às rádios três meses antes da estreia do filme, e teve um impacto surpreendente, fazendo disto uma espécie de tatuagem nos tímpanos do Brasil inteiro.

A canção “Bete Balanço” pode-se perceber bem essa questão da prostituição e preconceito, pois, descreve sentimentos, dinheiro, violência, no entanto, mostra o lado otimista do ser humano que briga, que luta contra todos os preconceitos. “Quem tem sonho não dança...”

Bete Balanço
Frejat/Cazuza

Gravação:
Barão Vermelho – “Maior abandonado” 1984: # 11

Pode seguir a tua estrela
O teu brinquedo de star
Fantasiando em segredo
O ponto aonde quer chegar

O teu futuro é duvidoso
Eu vejo grana, eu vejo dor
No paraíso perigoso
Que a palma da tua mão mostrou

Quem vem com tudo não cansa
Bete Balança meu amor
Me avise quando for a hora

Não ligue pra essas caras tristes
Fingindo que a gente não existe
Sentadas, são tão engraçadas
Donas das suas salas

Quem vem com tudo não cansa
Bete Balanço, meu amor
Me avise quando for a hora

Quem tem um sonho não dança
Bete Balanço, por favor
Me avise quando for embora.

“Bete Balanço” é uma canção que retrata a prostituição, onde demonstra uma personagem envolvida com sexo, dinheiro, violência e preconceito. No entanto acreditar nos sonhos de que um dia possa deixar de viver tal situação.

É importante ressaltar que a prostituição não é opção pessoal, pois, ninguém se prostitui por escolha. Na maioria da vezes refere-se a má condição de vida e exclusão social, ou seja, a mesma sociedade que discrimina a prostituição contribui para que ela exista.

Através de comentários de outros artistas e da imprensa, podemos perceber um pouco da trajetória do cantor no meio musical. É importante considerar os seus próprios depoimentos, pois, sempre deixou bem claro que a música, sempre seria sua melhor forma de expressar suas opiniões.

Durante toda sua carreira a imprensa se preocupou em mostrar para o público a personalidade do cantor diante de diversos assuntos, e ele próprio não deixou por menos. Suas declarações ficavam cada vez mais fortes. ¹Confessou-se bissexual, lançou ao Jornal Brasil: “Sou uma bichona louca” e várias frases desconcertantes, ²“É o cúmulo prender um garoto inteligente que faz faculdade, que é o futuro do Brasil, só porque foi pego com um baseado”.

¹ Fama, julho 1991. pg. 51

² Cazuza: Só as mães são felizes – pg. 360

“Hoje posso amar uma mulher, um homem, com a mesma intensidade e meus pais aceitam o filho que tem numa boa”.

Dentre tantas canções que retrataram o comportamento, pensamentos e atitudes do cantor, “Codinome beija-flor” está entre elas. Uma das letras mais geniais de Cazuza, gravada numa moldura super romântica e que traduz de certa forma uma declaração diante do homossexualismo.

Codinome beija-flor
Arias/Cazuza/Ezequiel

Gravação:
Cazuza – “Cazuza – Exagerado” 1985: # 06
Simone
Maria Creuza
Emílio Santiago
Luis Melodia
Ângela Maria e Cauby Peixoto

Pra que mentir
Fingir que perdoou
Tentar ficar amigos sem rancor
A emoção acabou
Que coincidência é o amor
A nossa música nunca mais tocou

Pra que usar de tanta educação
Pra destilar terceiras intenções
Desperdiçando o meu mel
Devagarinho, flor em flor
Entre os meus inimigos, beija-flor

Eu protegi teu nome por amor
Em um codinome, Beija-flor
Não responda nunca, meu amor (nunca)
Pra qualquer um na rua, Beija-flor

Que só eu que podia
Dentro da tua orelha fria
Dizer segredos de liquidificador

Você sonhava acordada
Um jeito de não sentir dor
Prendia o choro e aguava o bom do amor
Prendia o choro e aguava o bom do amor.

A questão do homossexualismo foi algo forte e representativo na figura de Cazuza. Na década de 80, a aceitação à homossexualidade ainda era alvo de preconceito e discriminação dentro da sociedade. A atitude do cantor em expor sua vida e seu comportamento diante da sexualidade atraiu a curiosidade da mídia em geral. Perante as declarações do cantor, os meios de comunicação abrem um grande espaço de discussões sobre a sexualidade humana, principalmente envolvendo o mundo artístico e as drogas.

Lembrando que a mídia contribuiu para a formação de concepções sobre os mais diversos assuntos, no entanto, percebemos através de reportagens, artigos, que o objetivo da imprensa nem sempre é convencer a sociedade de que o homossexualismo é algo normal e sim atrair o público sobre assuntos polêmicos, diante disso obter lucros.

É necessário frisar, o fato de ser homossexual não quer dizer que determinadas características da pessoa vão ser modificadas. Ao contrário, os meios de comunicação ainda continuam prevalecendo a representação de que homossexuais são pessoas estereotipadas, cheias de fricotes e trejeitos, ou seja, portadores de desvios quando comparados aos padrões tradicionais.

Contudo não podemos deixar de considerar que a indústria cinematográfica vem melhorando essa situação diante de filmes que retratam homossexuais como pessoas sérias, cultas e alegres afastando assim os estereótipos relacionados a décadas atrás.

Cazuza que nunca mediu as palavras expressou de uma forma bem romântica, o homossexualismo na canção “Codinome Beija-flor”. Nunca negou a homossexualidade, no entanto, a canção traz um relato de uma declaração de um amor em segredo. Talvez seja a forma de proteção contra a discriminação e o preconceito por parte da sociedade.

Melhor dizendo, Cazuza descreve na canção o comportamento de homossexuais de uma forma geral, ou seja, diante da posição da sociedade, muitos homossexuais preferem se esconder, por medo da exclusão social.

1.3- O Público



Talvez sejam todas essas características que tenham feito a juventude se identificar com as canções, levando em consideração que os jovens da década de 80, se encontravam em um momento de descrença enquanto lutas ideológicas e políticas. Dessa forma, jovens estavam vivendo um período muito individualista, onde se uniam por drogas, sexo e rock. Portanto a figura de Cazuzza atraía o público por seus atos e comportamento envolvidos em suas canções.

A busca da liberdade envolvendo música, sexo e drogas, contribuíram para que os jovens da década de 80 mostrassem suas insatisfações em cada verso, ritmo, voz e na imagem do cantor podiam encontrar um pouco de si e de sua própria realidade.

Diante de todas essas características na música de Cazuzza, determinadas canções passam a atender aos interesses dos jovens em geral e eles vão buscá-los como forma eloqüente de diversão e de dizer o que sentem.

As canções podem ser românticas, agressivas e agitadas, no entanto, musicalmente contam as agonias, as aflições e os sonhos próprios do processo de crescimento e da formação de cada um.

Não podemos deixar de considerar, que parte do público de Cazuza se interessou por seu trabalho através da divulgação da imprensa. Num determinado momento da carreira do cantor, a mídia passa a ser a chave do interesse público, pois, expõe a vida do cantor em relação a temas polêmicos como: homossexualismo, drogas, aids, prostituição, os quais sempre foram discutidos pelo cantor com naturalidade. Diante dessas e outras declarações do cantor, despertou um interesse maior por parte do público.

Não só os momentos de sucesso de Cazuza, mas até os dias de hoje, os jovens se identificam com suas composições criativas, relacionadas ao cotidiano da juventude.

“Cazuza foi uma coisa boa que aconteceu na música popular. A espolata dos seus trabalhos estava nas letras. Nas melhores canções de Cazuza, os versos cintilavam porque barram o lugar comum. E ele conseguia isso se movendo exatamente na pátria do clichê: Ele nunca foi um grande cantor, embora dominasse com galhardia o palco. E fez questão de evitar que a mesmice entrasse no seu repertório também nos momentos em que decidiu ser político, disparando críticas de pontaria precisa.

Afinal, uma das dicas de Cazuza foi a alergia ao óbvio, doenças corriqueira nas paradas de sucesso das FMs da moda. E esta lição já é uma herança grande demais”.

(Contigo, 1989 – Maurício Kubrusly)

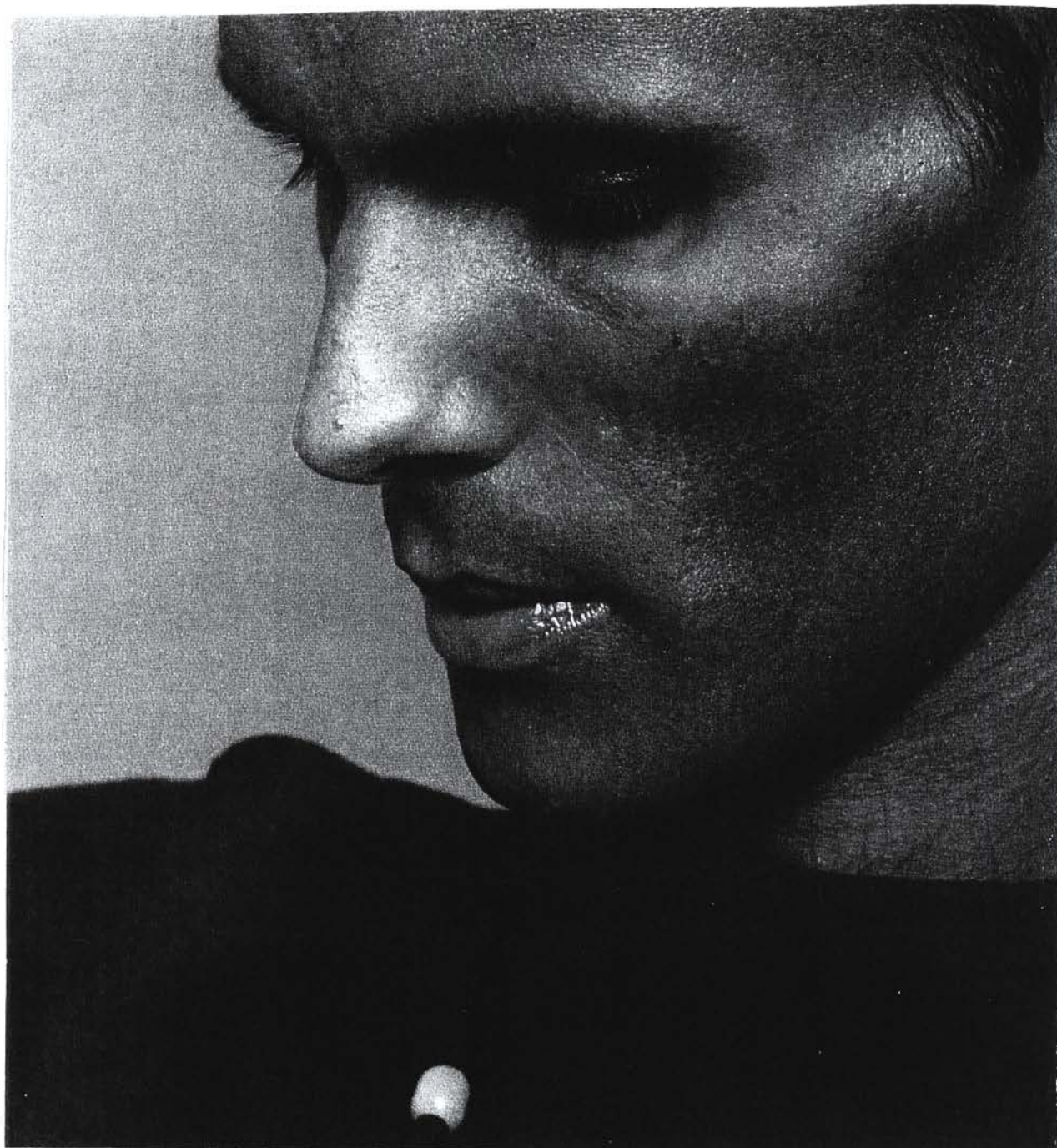
Talvez seja interessante examinar a composição social desse público, pois, a música de Cazuza não atingiu digamos assim, um público de “massa”. Isso se refere pelo menos, ao início da carreira.

O público que se atribui é de classe média, predominantemente jovens. No entanto, há parte de um público maduro, que admira as composições do cantor.

A maioria das canções têm algo que atende ao gosto dos jovens, mas nem sempre é para dançar e sim para refletir, sobre as questões abordadas. Os temas recaem sobre um momento vivido por cada um.

As canções chamam a atenção por diversos aspectos, a imagem, ritmo, voz, no entanto, o estúpido das canções ainda estão nos temas abordados, que traduzem bem a juventude de seu tempo.

Portanto, cabe ao público de Cazuza, não só apreciar a música, mas também analisar e questionar, assim pode-se compreender um pouco do comportamento da juventude do seu tempo. Consequentemente valorizar a representação deste tempo a partir da análise de uma vida artística.



Capítulo 2
O Irremediável



2.1- *Vida Louca, Vida Breve*

“¹ Mas se você achar
Que eu estou derrotado
Saiba que ainda estão
Rolando os dados
Porque o tempo não pára.”

O ano de 1987 indicou o novo rumo da carreira e vida do cantor. O jovem que através da música gritava por liberdade, por vida em nome da juventude de seu tempo. Se deparou com o maior dos desafios “A morte”, mediante a constatação de ser portador do vírus HIV. Logo, mudanças aconteceriam na carreira do cantor. Iniciando-se assim uma corrida contra o tempo.

A idéia da morte iminente causou um grande impacto na vida e na carreira, no entanto, sua reação foi de muita coragem. Era difícil para alguém que brigava pela liberdade de viver, acreditar que morreria.

Sua pressa de vida era tão grande que não tinha tempo para pensar na morte. Seria difícil imaginar o que passa pela cabeça de umas pessoas, com relação à morte tão próxima.

As primeiras reações diante da notícia da “Aids”, foram registradas a partir de depoimentos do cantor e de amigos.

“Zeca, eu sei que todo homem que nasce morre um dia, mas eu não mereço isso”.
(Cazuza)

“² Não merecia. Mas até tornar um ser alquebrado pela aids, Cazuza não dispensou nenhum prazer alcançável, incluindo, claro, a poesia e a música, que nunca abandonou”.
(lembrou Zeca a Isto é).

¹ O Tempo não Pára (Arnaldo Brandão – Cazuza)

² Ezequiel Neves – produtor e grande amigo de Cazuza.

Há uma mudança considerável em relação aos temas das canções, ou seja, mais direcionadas e mais abrangentes e relacionadas a vida e morte.

O canto foi a sua bandeira de luta contra os preconceitos de uma sociedade careta. Foi surpreendido pela “Aids”, contudo, sua coragem foi maior que a própria doença quando assumiu em público que era portador do vírus.

“Assim como Renato Russo, Lobão, Arnaldo Antunes e outros porta-vozes de sua geração Cazuza navegou no próprio sangue para erigir a sua obra: “correu todos os perigos, perdeu os sentidos”. Não se rendendo nem mesmo quando se deparou com o rosto da morte”.
(Fama - Arthur G. Duarte)

A Aids, não mudou suas opiniões, só fez com que reafirmasse seus raciocínios sensatos com delírios poéticos. Passou a ver a vida de outra forma, todavia, continuou a criticar a sociedade, nesse momento não eram mais drogas, o homossexualismo, mas sim a doença que atingia o cantor.

O cantor sempre pagava com a mesma moeda escancarando nas canções suas impressões e desabafos.

“É a minha criatividade que me mantém vivo”, diz o roqueiro. “Meu médico diz que eu sou um milagre porque eu tenho tanta energia, tanta vontade de criar e que é isso que me deixa vivo. Minha cabeça está muito boa, ela comanda tudo”.

Cazuza quando assumiu em público a doença, assumiu também as consequências, enfrentando não só o preconceito, mas exploração por parte da imprensa. Levando em consideração que ele possa ser o primeiro artista da música popular a revelar em público o fato de estar com Aids.

Depois de seis meses da confirmação de ser portador do vírus da Aids, Cazuza resolve dar uma entrevista a Veja (26 abril, 1989), conta como resiste à Aids em nome da vida e da

carreira. Cazuza fez questão de morrer em público e sem esconder o que estava se passando. Abre o jogo sobre o convívio com a doença, drogas e a sua bissexualidade.

Cazuza atrai os mais diversos olhares. ¹*“Há os que contemplam o seu calvário com admiração pela coragem e garra do cantor. Há os que busquem o sensacionalismo e o escândalo. Há os que apontem como herói e mártir da Aids. Há os que se sintam morbidamente atraídos pela tragédia de Cazuza”*.

Cazuza continuou pensando e agindo como antes, o que modificou muito foi o físico do cantor, de 68 quilos passou para 40, seu rosto ficou todo manchado, já não conseguia andar sozinho, tinha dificuldade de pegar objetos, se cansava quando falava seguidamente, não conseguia nem mesmo fazer suas necessidades fisiológicas sozinho.

Cazuza desde que soube que estava com Aids teve várias crises de desespero, onde quebrava mobílias e todos objetos que estivesse perto. Conta uma amiga: ²*“Assisti a uma dessas crises, uma cena terrível, ele estava magro, mas nunca foi um gigante, e assumiu a postura de um Rambo enlouquecido, destruindo tudo que via pela frente. A quebradeira durou poucos minutos, depois veio o choro, dele e dos pais abraçados, num monumento vivo de desgraça entre os escombros da casa destruída”*.

³A entrevista da Veja, publicou também opiniões de outras pessoas em relação ao fato de Cazuza ter assumido a doença em público. Relata o sociólogo Hebert de Souza (Betinho): *“Cazuza está ajudando a tirar o estigma da doença, sabe que só há morbidez onde existem sombras e jogou luz sobre o assunto, ajudando milhares de pessoas”*. Considera que a carga de preconceito contra Cazuza era maior. *“Todo aquele que tem Aids é discriminado, mas o preconceito aumenta quando se trata de homossexuais ou drogados – eles também são*

¹ Veja, Abril, 1989.

² Idem 1.

³ Idem 1.

discriminados, devido a suas opções de vida, as pessoas julgam que homossexuais e drogados estão doentes por culpa própria”.

Após a constatação da doença, continuou compondo e cantando. Tinha pressa em viver. Ao mesmo tempo que se revolta com a doença, insinua que a aceita. Sua agressividade toma um outro direcionamento não deixa para amanhã o que pode chocar hoje. Diante de versos nas canções e frases deixados pelo cantor, podemos perceber a ansiedade diante da morte breve.

“¹ Não posso causar mal nenhum a não ser a mim mesmo”.

“² O meu amor agora está perigoso”.

“³ Mas não faz mal, eu morro mas morro amando. Esse negócio da Aids foi um freio. O prazer passou a ser um risco de vida.

Uma coisa é certa: morrer não dói! Eu estive perto dela e é prazeroso, não dói”.

Conforme o avanço da doença, o desgaste físico afetou também a mente do cantor. É perceptível o sentimento do artista a cada instante que compõe, as canções tomam direções diferentes, quando refere-se a determinados momentos da doença. Algumas expressam coragem, vontade de viver, outras já demonstram a indignação; em relação a não ter escolha em viver ou morrer!

Seguramente o futuro continuou sendo uma preocupação do artista, contudo, com outra visão. Já que outros sentimentos sobressaíam mediante a doença como: medo, revolta, angústia, desespero. Por mais coragem que uma pessoa possa ter, diante de uma fatalidade como a Aids, a vida jamais continuaria a ser vivida de maneira vil e apagada, quando introjetado o horror.

¹ Canção – Mal Nenhum

² Veja, fevereiro, 1989.

³ Cazuza – Só as Mães são Felizes – pg. 384-385.

Apesar de vários momentos difíceis provenientes da doença, insistiu em não buscar na morte iminente a certeza derrota. Como afirma o cantor: “Canibais de nós mesmos / antes que a terra nos coma” ou “Se você achar que estou derrotado / Saiba que ainda estão rolando os dados”.

São mensagens como estas que as canções “O tempo não pára” e “Cobaias de Deus” trazem para expressar um pouco dos sentimentos do artista em relação a vida após a constatação da doença.

O Tempo Não Pára
(Arnaldo Brandão – Cazuza)

Disparado contra o Sol
Sou forte, sou por acaso
Minha metralhadora cheia de mágoas
Eu sou um cara

Cansado de correr
Na direção contrária
Sem pódio de chegada ou beijo
De namorada
Eu sou mais um cara

Mas se você achar
Que eu estou derrotado
Saiba que ainda estão rolando os dados
Porque o tempo não pára.

Dias sim, dias não
Eu vou sobrevivendo
Sem um arranhão
Da caridade de quem
Me detesta.

A tua piscina está cheia de ratos
Suas idéias não correspondem aos fatos
O tempo não pára.

Eu vejo o futuro repetir o passado
Eu vejo um museu de grandes novidades
O tempo não pára.

Eu não tenho data pra comemorar

Às vezes, os meus dias são de par em par
Procurando agulha no palheiro

Nas noites de frio é melhor nem nascer
Nos dias de calor, se escolhe: matar ou morrer
E assim nos tornamos brasileiros

Te chamam de ladrão, de bicha, maconheiro
Transformam um país inteiro num puteiro
Pois assim se ganha mais dinheiro.

“O tempo não pára”, uma canção que expressa vários sentimentos do cantor diante da morte iminente. Demonstra sua revolta diante da sociedade que é conivente aos problemas sociais, ou seja, só se interessa por eles quando almeja lucros. A canção descreve o grito público de um jovem a favor da vida e daqueles que sofrem pela exclusão social.

Cobaias de Deus
Ângela Rô Rô/Cazuza

Gravação:
Cazuza – “Burguesia” 1989: # 10
Ângela Rô Rô – 1993

Se você quer saber como eu me sinto
Vá a um laboratório ou um labirinto
Seja atropelado por esse trem da morte

Vá ver as cobaias de Deus
Andando na rua pedindo perdão
Vá a uma igreja qualquer
Pois lá se desfazem em sermão

Me sinto uma cobaia, um rato enorme
Nas mãos de Deus mulher
De Deus de saia
Cagando e andando
Vou ver o ET
Ouvir um cantor de blues
Em outra encarnação

Nós, as cobaias de Deus
Nós mesmos cobaias de Deus
Nós mesmos as cobaias de Deus

Me tire dessa jaula, irmão, não sou macaco

Desse hospital maquiavélico
 Meu pai e minha mãe, eu estou com medo
 Porque eles vão deixar a sorte me levar

Você vai me ajudar, traga a garrafa
 Estou desmilinguido, cara de boi lavado
 Traga uma corda, irmão, irmão, acorda!

Nós, as cobaias, vivemos muito sós
 Por isso, Deus, tem pena, e nos põe na cadeia
 E nos faz cantar, dentro de uma cadeia
 E nos põe numa clínica, e nos faz voar

Nós, as cobaias de Deus
 Nós somos cobaias de Deus
 Nós somos as cobaias de Deus.

A canção “Cobaias de Deus” representa o cenário de agravamento da Aids, retratando assim sua indignação diante da morte. Demonstra seus sentimentos de revolta quando se coloca como “cobaia nas mãos de Deus”, pois, nesse momento sua luta não é mais contra padrões e conceitos de uma época. Sua maior revolta é em aceitar a morte como seu destino.

Dias após dia a “Aids” passa a comandar os passos do cantor, ou seja, o estado de saúde que determinava o rumo da carreira. A agressividade que o acompanhou desde a juventude passou a ter pontarias mais precisas. A Aids não modificou só hábitos como, maneira de pensar sobre diversos temas. Drogas, sexo, música, conceitos e opiniões foram se modificando a cada momento.

“¹ Estou careta, não bebo não tomo drogas, não estou mais na noite, estou tratando de um jeito que nenhuma babá trataria. Nunca tinha ido a um médico até aos 30 anos... eu não sabia que tinha um corpo e que ele podia falhar um dia”.

“² A droga foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida. Abriu minha cabeça. Mas não podia sair do hospital e continuar bebendo e drogando. Era uma opção: continuar vivo ou morrer”.

¹ Veja - 26 de abril 1989.

² Cazuza – Só as Mães são Felizes – pg. 376.

Nesse momento as canções deixam de lado um pouco do romantismo. Partindo para temas que compreendesse melhor o momento vivido. Há uma preocupação em trabalhos com temas que engloba a sociedade em geral e não só a juventude de seu tempo. Considerando que sua obra perdure para que futuras gerações possam se identificar com as canções, independente da época.

Nessa fase da carreira, as canções trazem mensagens que falam de sonhos, angústias, indignação e de opiniões de uma forma geral. Canções que representavam os sentimentos da juventude de uma época e atrai até nos dias de hoje um público que admira e se identifica com as composições do cantor.

Canções como “Ideologia”, “Brasil” e “Burguesia” pode-se assim dizer que são talvez as melhores composições do cantor pelas mensagens que cada uma delas têm a dizer.

“Ideologia”, uma composição que mostra um Cazuza mais melancólico, mais político, mais contundente, captando e demonstrando como poucos um certo desencanto com o país e com os jovens. A canção mostra a necessidade de uma ideologia, apontando o descaso dos jovens da década de 80 em relação aos jovens das décadas de 60 e 70 diante dos acontecimentos no país, ou seja, caracteriza uma geração individualista e sem objetivos.

Ideologia
Frejat/Cazuza

Gravação:
Cazuza – “Ideologia” 1988: # 01
Marina Lima – 1993
Paulo Ricardo – 1995

Meu partido
É um coração partido
E as ilusões estão todas perdidas
Os meus sonhos foram todos vendidos
Tão barato que eu nem acredito
Eu nem acredito
Que aquele garoto que ia mudar o mundo
(Mudar o mundo)

Frequenta agora as festas do “Grand Monde”

Meus heróis morreram de overdose

Meus inimigos estão no poder

Ideologia

Eu quero uma pra viver

Ideologia

Eu quero um pra viver

O meu prazer

Agora é risco de vida

Meu sex and drugs não tem nenhum rock’n’roll

Eu vou pagar a conta do analista

Pra nunca mais ter que saber quem sou eu

Pois aquele garoto que ia mudar o mundo

(Mudar o mundo)

Agora assiste a tudo em cima do muro

Meus heróis morreram de overdose

Meus inimigos estão no poder

Ideologia

Eu quero uma pra viver

Ideologia

Eu quero uma pra viver.

As canções “Brasil” e “Burguesia” são canções que Cazuza mais se posicionou em relação à política. Levando em consideração que “Brasil” fez com que milhões de pessoas ouvissem seus versos diariamente, pois, foi tema da novela “Vale Tudo”, na voz de Gal Costa. As canções salientam-se a audácia de um grito público e jovem a favor de uma necessidade, de uma urgência de vida para os que são marginalizados e perseguidos dentro do país.

Brasil

George Israel/Nilo Romero/Cazuza

Gravação:

Cazuza – “Ideologia” 1988: # 06

Gal Costa – tema da novela “Vale Tudo”, de Gilberto Braga

Margareth Menezes

Débora Blando – tema do filme “Rádio Pirata”, de Lael Rodrigues

Sandra de Sá – 1995

Não me convidaram

Pra essa festa pobre

Que os homens armaram pra me convencer

A pagar sem ver
Toda essa droga
Que já vem malhada antes de eu nascer

Não me ofereceram
Nem um cigarro
Fiquei na porta estacionado os carros
Não me elegeram
Chefe de nada
O meu cartão de crédito é uma navalha

Brasil
Mostra tua cara
Quero ver quem paga
Pra gente ficar assim
Brasil
Qual é o teu negócio?
O nome do teu sócio?
Confia em mim

Não me convidaram
Pra esta festa pobre
Que os homens armaram pra me convencer
A pagar sem ver
Toda essa droga
Que já vem malhada antes de eu nascer

Não me sortearam
A garota do “Fantástico”
Não me subornaram
Será que é o meu fim
Ver TV a cores
Na taba de um índio
Programada pra só dizer sim, sim

Brasil
Mostra a tua cara
Quero ver quem paga
Pra gente ficar assim
Brasil
Qual é o teu negócio?
O nome do teu sócio?
Confia em mim

Grande Pátria
Desimportante
Em nenhum instante
Eu vou te trair
Não, não vou te trair
Brasil

Mostra a tua cara
 Quero ver quem paga
 Pra gente ficar assim
 Brasil
 Qual é o teu negócio?
 O nome do teu sócio?
 Confia em mim
 Confia em mim
 Brasil.

Burguesia
 Cazuzza/Ezequiel Neves/George Israel

Gravação:
 Cazuzza – “Burguesia” 1989: # 01

A burguesia fede
 A burguesia quer ficar rica
 Enquanto houver burguesia
 Não vai haver poesia

A burguesia não tem charme nem é discreta
 Com suas perucas de cabelos de boneca
 A burguesia quer ser sócia do Country
 A burguesia quer ir a New York fazer compras

Pobre de mim que vim do seio da burguesia
 Sou rico mas não sou mesquinho
 Eu também cheiro mal
 Eu também cheiro mal

A burguesia tá acabando com a Barra
 Afunda barcos cheios de crianças
 E dormem tranqüilos
 E dormem tranqüilos

Os guardanapos estão sempre limpos. As empregas uniformizadas
 São caboclos querendo ser ingleses
 São caboclos querendo ser ingleses

A burguesia fede
 A burguesia quer ficar rica
 Enquanto houver burguesia
 Não vai haver poesia

A burguesia não repara na dor
 Da vendedora de chicletes
 A burguesia só olha pra si

A burguesia só olha pra si
A burguesia é a direita, é a guerra

A burguesia fede
A burguesia quer ficar rica
Enquanto houver burguesia
Não vai haver poesia

As pessoas vão ver que estão sendo roubadas
Vai haver uma revolução
Ao contrário da de 64
O Brasil é medroso
Vamos pegar o dinheiro roubado da burguesia
Vamos pra rua
Vamos pra rua
Vamos pra rua
Vamos pra rua
Pra rua, pra rua

Vamos acabar com a burguesia
Vamos dinamitar a burguesia
Vamos pôr a burguesia na cadeia
Numa fazenda de trabalhos forçados
Eu sou burguês, mas eu sou artista
Estou do lado do povo, do povo

A burguesia fede, fede, fede, fede
A burguesia quer ficar rica
Enquanto houver burguesia
Não vai haver poesia

Porcos num chiqueiro São mais dignos que um burguês
Mas também existe o bom burguês
Que vive do seu trabalho honestamente
Mas este quer construir um país
E não abandoná-lo com uma pasta de dólares
O bom burguês é como o operário
É o médico que cobra menos pra quem não tem
E se interessa por seu povo
Em seres humanos vivendo como bichos
Tentando se enforcar na janela do carro No sinal, no sinal No sinal, no sinal

A burguesia fede
A burguesia quer ficar rica
Enquanto houver burguesia
Não vai haver poesia.

Em resumo, pode-se dizer que as três canções referem-se às opiniões de Cazuza diante de problemas sociais no país e o descaso por parte da classe dominante. Não deixando de

mencionar, sua representatividade diante dos problemas da sociedade brasileira de uma forma geral.

2.2- O outro lado da imprensa

...¹ Tristeza por ver essa revista ceder à tentação de descer ao sensacionalismo para sentenciar à morte em troca de alguns exemplares a mais” (Cazuza)

O grito do público de Cazuza no instante que assume a doença demonstra através de seus versos, a maneira de ver a vida neste momento de agonia. Diz a canção “raspas e restos me interessam...” No momento histórico em que “o prazer é risco de vida”, conta Cazuza. “A vida é bem mais perigosa que a morte”. Como anotou ainda: “Eu vi a cara da morte / Ela estava viva”. Diante desses versos percebemos a sua própria vontade de incitar a si mesmo para a luta maior “a vida”, já que para ele até a morte está viva.

Perante todas declarações públicas a imprensa se viu no direito de explorar a vida e a carreira de Cazuza. A mesma imprensa que lançou a chegada do garoto debochado, irreverente, rebelde no mundo da música; considerando-o um poeta de geração dos anos 80, novamente ignora vida artística do cantor e expõe a vida pessoal, ou seja, as transformações que a Aids causou na vida do artista.

A agressividade, sempre foi a marca registrada do cantor, mostrada pela imprensa, no entanto, associar tais atitudes ao fato de ter contraído a aids seria aproveitar do momento para obter lucros, com as vendas das reportagens. Seguramente a partir do instante que Cazuza assume a doença em público, abre as portas para que a imprensa busque explorá-lo em torno da aids. Considerando que até então, pouco se sabia sobre a aids. A imprensa não perderia a oportunidade de mostrar o dia-a-dia de um aidético, ou seja, as reações diante da morte iminente e as modificações que a doença causa a vida de uma pessoa.

¹ Só as mães são felizes. pg. 284.

Dessa forma a mídia, não deixou de expor nada sobre o cantor, quando se referia à aids. Lembrando que todas as atitudes do cantor em entrevistas, shows e até mesmo suas opiniões foram consideradas uma modificação de comportamento a partir da doença. Não pode ser vista dessa forma as atitudes do cantor, pois, a agressividade e rebeldia que a imprensa mostrava no início da carreira como coragem, ousadia depois da aids essas mesmas atitudes são tratadas como revolta e indignação diante da morte próxima.

A partir do momento que cantor assume a doença, a imprensa se interessa pela aids e as modificações na vida da pessoa fazendo com que a obra artística caia no esquecimento. Conseqüentemente daí por diante todos as entrevistas e comentários passaram a chamar a atenção do público para o sofrimento físico causado pela doença, colocando dessa forma a criatividade artística em desgaste. Portanto a imprensa almeja lucros em cima de fatos, frases que retratam as fraquezas e a revolta diante da morte.

Talvez a intenção de Cazuza a assumir a doença, seja a própria capacidade do jovem em dizer o mal que lhe fere, saindo fortalecido da experiência.

Relata a revista – (contigo) *“Parece que o talentoso compositor está num momento em que não pode deixar nada barato. Mas ainda: com muita coragem. Cazuza não se recusa a responder a qualquer estímulo – positivo ou negativo, sem se importar se suas atitudes desagradam a quem quer que seja...”*

A imprensa relatou diversas vezes a agressividade do cantor durante shows, relacionando tais atitudes, a modificações causadas pela aids. No mundo do rock diversos cantores tiveram essas mesmas atitudes como Janis Joplin, que subia ao palco embriagada e dos punks do conjunto das “Sex Pistols”, que xingavam os fãs em pleno espetáculo e provocavam monumentais tumultos. No entanto nenhuma dessas reações estava ligada a uma doença que modificasse o comportamento de cada um deles.

“¹ Ele não cantava como em outros shows apenas sussurrava as músicas”. A apresentação seguiu a agressões de Cazuza. “Perdi meu dinheiro”, arrependeu a estudante de Direito Roberta Lima, 22 anos, Flávia Rabello, estudante de Medicina, diz ter entendido o comportamento do artista: “É o desespero da morte” diagnóstica.

Os relatos dos incidentes nos shows do cantor deixam claro que nem sempre consegue aplacar sua angústia cantando e tampouco enxergar o sucesso do show e a plateia ao delírio com sua presença provocante e a força de suas canções.

Não se discute que a doença mexeu com a vida do cantor, com as atitudes, e o modo de ver a vida. Todavia não podemos considerar que a aids tenha estabelecido o fim da criatividade do cantor, ao contrário, estimulou-o a pensar melhor nas composições e a se preocupar com temas que até os dias de hoje são admirados pela juventude.

A imprensa tem um papel muito importante no meio musical, pois, depende dela a divulgação para o público. Todos lutam por direito de liberdade de expressão, mas expor a vida de uma pessoa da maneira que é conveniente para obter lucros, pode ser considerado liberdade de expressão e de imprensa?

Diante das reportagens, em diversos assuntos podemos perceber o outro lado da imprensa, pois, sua busca é em torno de grandes vendagens, mesmo que pra isso tenha que colocar um artista no topo do sucesso e depois derrotá-lo em público.

Podemos notar bem isso na reportagem da Veja sobre Cazuza que trazia na capa da revista “Cazuza – Uma Vítima da Aids Agoniza em Praça Pública”. (Veja, 1989).

A revista editou toda sua entrevista dada pelo cantor sobre a Aids e sua carreira, mas o real problema da matéria estava no seu parágrafo final.

“Cazuza não é um gênio da música. É até discutível se sua obra irá perdurar, de tão calada que está no momento presente. Não vale, igualmente, o argumento de que sua obra

¹ Veja, 1º fevereiro, 1989.

tende a ser pequena devido à força do destino: quando morreu de tuberculose em 1937, Noel Rosa tinha 26 anos, cinco a menos que Cazusa, e deixou compostas nada menos que 213 músicas, dezenas delas obras-primas que entraram pela eternidade afora. Cazusa não é Noel, não é um gênio. É um grande artista, um homem cheio de qualidades e defeitos que tem a grandeza de aladéates em praça pública para chegar a algum tipo de verdade”.

Diante da reportagem, não só Cazusa, mas fãs, amigos do cantor se decepcionaram com a entrevista da Veja.

Fernanda Montenegro e Marília Pêra foram signatárias do manifesto de 510 assinaturas intitulada: “Brasil, mostra sua cara” onde mostraram indignação e a dúvida sobre liberdade de expressão. O manifesto usou palavras como “morbidez, vulgaridade, sensacionalismo, arrogância e autoritarismo” para caracterizar a reportagem VEJA.

Cazusa deixou em depoimentos sua reação diante da reportagem “¹ A afirmação de que sou agonizante devia ser bem fundamentada em declarações de médicos que me assistem, únicos a conhecerem meu estado clínico. VEJA não cumpriu esse dever”, disse o cantor em praça publicitária.

Através da trajetória da carreira do cantor, podemos perceber que a imprensa se precipitou, quando sentenciou a duração da obra do artista e sua representatividade dentro da juventude. Já que em oito anos de carreira Cazusa deixou 126 músicas gravadas por ele, 34 por outros intérpretes e mais de 30 inéditas.

Já se passaram mais de dez anos da morte do cantor e sua obra ainda é admirada pela juventude, e suas canções continuam a ser regravadas na voz de outros intérpretes da música brasileira, além de publicações recentes sobre as canções do cantor e sua importância no meio musical.

¹ Veja, 10 de maio, 1989.

Considerações finais

A década de 80, em questão de movimentos de juventude tornou-se uma década perdida. Muitos hábitos mudaram, no entanto a música continuou despertando nos jovens desejos, instintos e aspirações.

A juventude continuou a ter sua linguagem dentro da sociedade e da família, conscientes do seu lugar. Dessa forma, as canções continuaram expressando qualquer coisa e tudo ao mesmo tempo, dentro de seu tempo.

No final da década de 60, quando Caetano canta “Alegria, Alegria” lança um grito público jovem a favor da necessidade de uma urgência de vida para os que são marginalizados e perseguidos, para os que sofrem.

Cazuza, nos anos 80 lança também o seu grito público, no entanto, a dor não tem razão de ser, nem finalidade. No caso da década de 60, a convocação à alegria e à vida era feita em favor de um sofrimento infinito, mas com finalidade justa e explícita.

Não podemos ignorar a importância da música dentro de um momento histórico. Cazuza representou bem a juventude dentro de seu tempo, mesmo não tendo os mesmos objetivos das décadas anteriores, fez parte de um novo tempo com outras concepções e outras abordagens. Onde os jovens estavam dispostos a outras conquistas dentro do meio social como: respeito ao homossexualismo, luta contra os preconceitos por parte da sociedade diante das drogas, sexo e rock.

Para entendermos essa representatividade de um músico dentro de seu tempo histórico, é preciso compreender um pouco da linguagem dessas canções. “Ideologia”, uma das canções de Cazuza que mais se identifica com a juventude deste momento, ou seja “Ideologia eu quero uma para viver”. No momento que Cazuza grita essas palavras na década de 80 é como se chamassem os jovens para realidade, a canção demonstra uma geração sem ideologia, onde “viver destrambelhado” é a verdadeira razão de ser da dor, da alegria nos anos 80.

As atitudes da juventude, independente da geração que pertençam recebem o preconceito da sociedade, pois, caracterizam como problemas da juventude, rock, drogas, sexo, no entanto, esses são problemas da própria sociedade e não da música, eles existem onde não há rock e aparecem como problemas sociais, de liberdade cultural e expressão.

Diante de gestos e atitudes dos jovens em seu tempo histórico, podemos compreender a importância da música, pois, convence milhões de jovens por todo mundo, já que se identificam, pois, trazem algo sobre a vida de cada um e ao mesmo tempo a história de toda uma época.

Referências Bibliográficas

ADEUS À REBELDIA. *Veja*, São Paulo, maio de 1990.

ARAÚJO, Lucinha. *Cazuza: Só as mães são felizes*. São Paulo: Globo, 2000.

CHACOM, Paulo. *O que é rock*, 1. ed., São Paulo: Brasiliense, 1982.

CORRÊA, Tupã Gomes. *Rock, nos passos da moda, mídia, consumo X mercado*. Campinas, SP: Papirus, 1989.

FAMA, julho 1991, pg. 51.

FLANAGAN, Bill. *Dentro do rock: Grandes compositores de rock revelam como criam suas músicas*. Tradução de Márcia Serra. São Paulo: Marco Zero Ltda, 1986.

HOBBSAWN, Eric J. *História social do jazz*, 2. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

ISTO É, julho de 1997.

MONTANARI, Valdir. *Rock Progressivo*, 2. ed., Campinas, Papirus, 1986.

MUGGIATI, Roberto. *Rock: Os anos de utopia e os anos da incerteza*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MUGGIATI, Roberto. *Rock, o grito e o mito*, 4. ed, Petrópolis, Vozes, 1983.

NEGUEM, *Núcleo de Estudos de Gênero e Pesquisa sobre a Mulher*, nº 17, Uberlândia-MG, 2001.

PEREIRA, Carlos Alberto. *O que é centrocultura*, 8. ed., São Paulo: Brasiliense, 1992.

PERLONGHER, Nestor. *Primeira versão: droga e êxtase*. São Paulo: IFCH/Unicamp, 1991.

VEJA, São Paulo, Abril 1989, *Cazuza, uma vítima da Aids organiza em praça pública*.

Anexos

¹ Alguns Dados Biográficos de Cazuza

Agenor de Miranda Araújo Neto (Cazuza), nasceu no Rio de Janeiro em 4 de abril de 1958 e morreu em 7 de julho de 1990. Vitima de Aids, filho de João Alfredo Araújo e Maria Lúcia da Silva Araújo (Lucinha Araújo).

Teve uma educação muito rígida, passou pelos melhores colégios do Rio de Janeiro, inclusive a escola religiosa, Colégio Santo Inácio, onde foi “convidado” a sair por motivos de notas baixas e indisciplina.

Sua maior influência musical veio da música brasileira, através de Gilberto Gil, Rita Lee, Caetano Veloso, Novos Baianos e outros grandes intérpretes da música brasileira.

Aos 20 anos de idade integrou-se a banda de rock chamada “Barão Vermelho”, a partir daí Cazuza seria vocalista e letrista da banda.

No final de 1981, o público conheceu o grupo “Barão Vermelho” composto por Guto Goffi, Mauricio, Roberto Frejat e Cazuza.

Com banda lançou três álbuns e uma coletânea. “Barão Vermelho” (1982), “Barão Vermelho 2” (1983) de “Maior Abandonado” (1984), “Os grandes sucessos de Cazuza e Barão Vermelho” (coletânea, 1989).

Na carreira solo foram cinco álbuns, “Exagerado” (1985), “Só se for a dois” (1987), “Ideologia” (1988), “O tempo não pára” (1988), “Burguesia” (duplo, 1989).

Após sua morte foi lançado o álbum “Por Ai...”, considerado pela crítica o pior de seus trabalhos.

Em oito anos de carreira deixou 126 músicas gravadas por ele, 34 na voz de outros intérpretes e mais de 60 inéditas.

No mercado editorial há obras disponíveis sobre o cantor, o livro do jornalista Eduardo Duó, Cazuza (Editora Martin Claret), Fundação Viva Cazuza, Revista Veja, Fama, Contigo

¹ Cazuza: Só as mães são felizes. Veja (1989-1990).

(período de 1989 a 1990) e dois livros escritos pela mãe Lucinha Araújo; *Cazuza: Só as Mães são Felizes* (Editora Globo) e a obra mais recente *Preciso dizer que te amo* (Editora Globo), que reúne canções inéditas do cantor com comentários de outros artistas.

Discografia

Com Barão Vermelho

- Barão Vermelho (1982)
- Barão Vermelho (1982)
- Maior Abandonado (1984)
- Os Grandes Sucessos de Cazuza e Barão Vermelho (coletânea, 1989).

Carreira solo

- Exagerado (1985)
- Só Se For a Dois (1987)
- Ideologia (1988)
- O Tempo Não Para (1988)
- Burguesia (duplo, 1989)

Póstumo

- Por Ai (1991)

Discografia

